Globethics Repository

Entrevista com Israel Finkelstein
[Interview with Israel Finkelstein]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Frizzo, Antonio Carlos
Publisher	EATWOT's International Theological Commission
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-02-09 21:12:11
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/235106

POR

Entrevista com Israel Finkelstein

Por Antonio Carlos FRIZZO[1]
São Paulo, Brasil

Um nome que surge como o primeiro na lista quando o tema busca unir arqueologia e Bíblia é o do professor Israel Finkelstein, diretor do Instituto de arqueologia da Universidade de Tel Aviv e codiretor da missão arqueológica Meguidó, Galileia. Nesta entrevista busca-se apresentar a visão singular e inquietante desse arqueólogo que optou em se aproximar da Bíblia e de sua história. Tive-se a liberdade de promover algumas adaptações na tradução e na edição deste encontro realizado na manhã de nove de dezembro de 2013.

Pergunta: Conte-nos de suas atividades no mundo da arqueologia, de seus afazeres como professor e pesquisador.

Israel Finkelstein: Sou um professor de arqueologia com especialização na época do bronze, ensino história bíblica e outras coisas. Atuo em três grandes projetos. Penso ser mais atraente afirmar que uso três importantes chapéus.

Meu **primeiro chapéu** é a **escavação**. Tenho em Meguido meu importante projeto. A cada dois anos, saímos para a pesquisa de campo. Recentemente, estivemos dois meses no local, com um grupo de 140 estudantes e mais uma equipe de apoio formada por 30 pessoas que colaboraram diretamente na infraestrutura. Não apenas escavamos como também ensinamos os alunos. Iniciávamos os trabalhos bem cedo. Das 5h da manhã até às 13h as equipes estavam no campo. Na parte da tarde, ensinávamos, juntamente com todos da expedição, arqueologia e seus métodos, história de Meguido, datações, análises dos ossos, das porcelanas, os metais encontrados e outros temas relacionados ao universo da

---

[1] Professor de teologia bíblica no ITESP, com mestrado no Instituto Católico de Paris e doutorado na PUC-Rio.

arqueologia. Esse tipo de trabalho acontece a cada dois anos e começamos com este ritmo há 20 anos. Nele se envolve uma grande equipe formada por especialistas nas áreas da metalurgia, geologia, arqueologia, zoologia, biologia e botânica.

Um **segundo chapéu**, este sim, intensificado nos últimos cinco ou sete anos, é uma área de pesquisa que acontece com o apoio da União Européia na esfera da Ciência da Vida e do Universo da **geoarqueologia**. Olhando moléculas, detalhes moleculares que podem mudar o entendimento da história. Eis um projeto que me estimula muito. Percebo que estamos descobrindo elementos novos que podem nos ajudar a reconstruir o conhecimento da história humana. Esse projeto já gerou mais de 60 artigos em diferentes revistas especializadas. Recentemente estudando algumas moléculas descobrimos partículas de canela datando o ano 1000 a.C.. da época dos fenícios, o, como canela é algo que não existe nesta região, somos convidados a pensar que o comércio entre os povos desta região com os povos da India era multo mais freqüente do que podemos Imaginar.

Outro exemplo. Eu pessoalmente acredito que o futuro da pesquisa está baseado na análise da população e no estudo do clima. Por exemplo, um trabalho realizado na região do Mar Morto, em análises do pólen e do carvão encontrados naquela região. As análises dos materiais acenaram que entre os anos de 1250 a 1100 a. C, a região passou por uma forte crise climática. Um artigo publicado no New York Times teve grande repercussão nos ambientes de pesquisas.

Meu **terceiro chapéu** é a **história bíblica**. Meu interesse pela Bíblia veio por meio dos meus estudos na esfera da arqueologia. Sobretudo, na ânsia de reconstruir a história bíblica. A arqueologia me levou para o universo bíblico. Estou indo cada vez mais a fundo neste universo; em parceira com outros pesquisadores temos já publicados alguns trabalhos na Suíça, Alemanha e França. Os estudos bíblicos são muito significativos na Alemanha, onde me identifico. Lá, desenvolvemos um olhar similar junto aos textos bíblicos. Recentemente publicamos dois artigos tentando entender as diferenças nas tradições e leis em torno de personagens como Abraão e Jacó, no livro do Gênesis. Outro exemplo é nossa pesquisa junto ao livro de Crônicas. Neste livro buscamos verificar, entender as datas e a arqueologia territorial citados no texto.

Pergunta: O que pensar diante de algumas interpretações de cunho mais ortodoxo, comentários provenientes de correntes mais fundamentalistas na interpretação dos textos bíblicos?

Israel Finkelstein: Acho oportuno afirmar que eu não sou contra esta ou aquela corrente hermenêutica. O que sei é que **não sou um fundamentalista**, um ingênuo; faço a minha pesquisa com os rigores impostos pelos métodos exegéticos. Busco compreender os rigores dos métodos que não são novos no universo da leitura e estudo bíblico. Estou numa linha pautada por Baruch Espinoza que estabeleceu as bases do método filosófico e teológico e que séculos mais tarde possibilitou o método histórico crítico que conhecemos hoje. Claro que **por ser israelita e judeu** a Bíblia tem um significado, um valor quase que carnal, para meu universo cultural. O texto é muito importante para mim. Não estou indo somente para o lado do criticismo. Não me deixo influenciar por nenhum aspecto político. Estou no ponto de vista da pesquisa e, isso me é muito caro. Algo gratificante. Os textos bíblicos fazem parte do meu DNA... Os autores bíblicos foram verdadeiros gênios da humanidade. Produziram seus textos dentro de uma determinada cultura, numa determinada situação, dentro de um trasfondo cultural. Estou convicto de que ler as páginas bíblicas de modo ingênuo, descontextualizado, sem ter em conta tudo aquilo, não deixa de ser um desrespeito aos autores.

Pergunta: Qual a relação entre os textos bíblicos e a arqueologia?

Israel Finkelstein: O texto bíblico é uma redação tardia. Ele foi escrito séculos depois de um determinado fato. A Bíblia não narra uma história ocular. A arqueologia, que também é uma ciência, conta os fatos em tempo real, narra o exato momento do fato. Todas as vezes que tenho a minha frente um determinado texto bíblico eu me pergunto: o que está acontecendo aqui? Porque estou vindo com uma ferramenta muito poderosa que é a arqueologia. Por meio dos fragmentos arqueológicos podemos reconstruir um determinado momento histórico. Tal contexto histórico pode ser comprovado em todo o seu rigor, e eu não preciso justificá-lo com os textos bíblicos. Aqui está um ponto fundamental nesta relação bíblia e arqueologia. A **arqueologia deve-se guiar por si mesma**.

Outro aspecto que me inquieta é saber como relacionar um determinado texto com a arqueologia. Isto para mim é maravilhoso. Saber como a partir de uma narrativa, escrita num estilo próprio do hebraico antigo e, analisá-la mediante os estudos arqueológicos. Nesta interação entre ciências hermenêutica e arqueologia não há espaço para a ortodoxia, ao fundamentalismo. Estou convicto que os dois ambientes Bíblia e Arqueologia devem seguir mantendo um estreito diálogo.

Outro ponto que destaco está em saber que existem duas formas de se olhar a história de um texto bíblico: um é o aspecto conservador ou fundamentalista, chamado «**maximalista**»; outro é o ponto de vista

«**minimalista**». Eu não me alinho a nenhuma dessas duas correntes. Opto por uma linha teórica na qual não estou sozinho e que se encontra entre estas duas tendências hermenêuticas.

Pergunta: O que a arqueologia nos diz sobre o **reino unido de Davi e Salomão**?

Israel Finkelstein: Pode-se abordar esta questão tanto pelo lado dos textos bíblicos como pelo lado dos dados arqueológicos. Deixe-me começar pela arqueologia. **No passado a arqueologia foi usada** para legitimar aspectos religiosos, isto é, provar a existência de Jesus, a existência do templo de Salomão e outras preocupações neste sentido. Encontra-se uma arqueologia a serviço de uma afirmação religiosa.

Mas esta não é a função e, muito menos, o objetivo da arqueologia. O objetivo final da arqueologia é verificar o que houve em um determinado período da história. Que civilização existia? Como eram as relações entre determinados grupos? Em Meguidó, quando juntei os diferentes materiais e resultados das pesquisas, constatei que não fazia sentido algumas afirmações em voga referentes às datações ditas pela história bíblica. Elementos datados do ano 1000 a.C. em Meguidó, Bet Shean, reanalisados, seguindo outros métodos de pesquisa arqueológica e, com o apoio de outras ciências, acenam uma **datação diferente**. Essa cronologia poderia abaixar para os anos 900 a 800 a.C. Tal verificação resultam diferentes interpretações das mesmas questões.

Há 15 anos começamos um debate no desejo de **revisar as datações tradicionais** no tocante ao mundo bíblico e, os resultados foram surpreendentes. Com o recurso de análise de carbono 14, o que antes era datado no período do rei Salomão, agora são tidos como de 80, 70 anos depois do reinado salomônico. O grande reino do Norte, bem como as importantes obras atribuídas ao rei Salomão, agora, são vistos como pertencentes à dinastia de Anri (885-874 a.C). Nesta fase os resultados entram em confronto com o que era defendido pela própria arqueologia há 15 anos.

Saibam que eu **não pertenço às escolas que duvidam da existência de Salomão**, pois há elementos que provam sua existência. Não temos nada fora da Bíblia capaz de provar a existência de Salomão. Tal realidade leva vários estudiosos a não creditar em sua existência. Eu não sou desse grupo, pois creio que há inúmeras provas para creditar nos reinos de Davi, Salomão e toda cadeia de monarcas, tal como nós a conhecemos. **A questão é** saber qual foram a jurisdição, o alcance desses reinados, as extensões desses reinos. Houve uma existência paralela de dois reinos: reinos de Judá e reino de Israel.

Agora, sobre a **monarquia unida**, penso que há outra história. Quando lemos a Bíblia vemos tudo bem arranjado, cada peça em seu lugar. Tudo foi escrito no desejo de enaltecer um único reino. Mas a história aponta para outros caminhos. Deparamo-nos com uma construção teológica muito bem elaborada. Algo tipicamente teológico. **Os textos descrevem o sonho de um reino único**. Tal desejo teria sido escrito no tempo do reinado de Ezequias.

Pergunta: Não poderia ter sido elaborado o sonho deste vasto império **no reinado de Josias**?

Israel Finkelstein: Creio que este sonho de um vasto reino pode ter ocorrido no momento em que um grande número de pessoas, em pleno cerco assírio deixou a região da Samaria passando a habitar no reino de Judá. Tal mudança demográfica foi sumamente importante. Vale ressaltar que a sociedade israelita, na época da dominação do reino da Assíria já era pan-israelita. Muitas pessoas passaram a residir ao redor da cidade de Jerusalém, com mais migrantes do Norte do que propriamente do Sul. Vale ressaltar que para fazer parte desse grupo, tudo teve um preço. Primeiro, aceitar a supremacia da dinastia davídica e, o segundo, a soberania do templo de Jerusalém.

Pergunta: Como você compreende a existência do **reino do Norte**?

Israel Finkelstein: Estou convicto que o reino de Israel era **muito mais importante do que o reino de Judá** na antiguidade. Todas as grandes tradições foram provenientes do reino do Norte. Não tenho dúvidas sobre isso. Por volta dos anos 750 a.C., Israel tinha total supremacia. Hoje, ao lermos a Bíblia temos a impressão de que Judá era a grande potência. Isso é decorrente do colapso do reino do Norte. Israel sempre foi a fonte de grande história, com seus exércitos, suas tradições dinásticas, seus templos, suas riquezas. Os grandes personagens como Elias, Josias, Amós, Moisés são tradições originárias do reino do Norte.

Acho oportuno voltar à primeira questão. Meu trabalho é reconstruir a história com as ferramentas que tenho em mãos, não considerando somente o texto, mas as demais ferramentas. **Deixo-me ser pautado pela arqueologia independentemente do texto**. Com os instrumentos disponíveis na ciência arqueológica, somados a química e física, tenho plena convicção que não houve **nenhuma possibilidade** de erigir um reino no Sul, isto é, Judá e sua capital Jerusalém, **antes dos anos 800 a 700 a.C**. Essa é a certeza que tenho em mãos hoje. Estou consciente que tal afirmação pode mudar, pois a arqueologia desenvolve-se rapidamente

e as teorias não ficam para trás. Tal ressalva é necessária para se evitar qualquer tipo de afirmações também fundamentalistas no universo da arqueologia.

Pergunta: Para terminar, qual o conselho para um jovem que deseja estudar arqueologia?

Israel Finkelstein: Eu aconselhei as minhas filhas a estudaram direito... (risos). Brincadeiras a parte, a carreira é difícil por não haver muito espaço de trabalho e por haver muitas pessoas talentosas desejosas por ocupar o mesmo espaço. Vejamos alguns dados. No ano passado abrimos uma vaga no departamento: vinte pessoas concorreram. Dentre essas, quatorze tem a capacidade de atuar em qualquer universidade dos Estados Unidos. Uma realidade trágica para pessoas com a média de trinta anos de idade e que precisam de trabalho. Eu estou feliz por encontrar, cada vez mais, pessoas desejosas de estudar arqueologia. Mas o caminho profissional não é fácil. É bom levar em conta que é preciso, em média, quinze anos de estudo para preencher suas inquietações acadêmicas e conseguir algum resultado profissional.

Número especial da Revista «HORIZONTE»

da PUC de MINAS, Belo Horizonte, Brasil, sobre

«O Paradigma Pós-Religional»

número 37, ano 2015, monográfico

Um número especial, em várias línguas, que continua a reflexão teológica e das ciências da religião após o lançamento da Proposta Teológica do Paradigma Pós-religional feita pela EATWOT no ano de 2011. O novo paradigma se aprofunda e prolonga com a reflexão das assinaturas mais reconhecidas neste campo:

Roger LENAERS, John Shelby SPONG, Marià CORBÍ, Diarmuid O'MURCHU, Lee CORMIE, Danny PILARIO, Geraldina CÉSPEDES, Juan MASIÁ, Simón Pedro ARNOLD, Faustino TEIXIRA, Sergio OSORIO, Don CUPITT, Stefen BATCHELOR, María LÓPEZ VIGIL, José Maria VIGIL...

Pode recolhé-la on line, na página da própria revista:

http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte

ou em:

http://servicioskoinonia.org/LibrosDigitales